



## TRAMA GOLPISTA

# Investigados apoiam ato na Paulista

Integrantes de inquéritos no STF demonstram apoio ao protesto convocado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. No entanto, podem sofrer punições legais caso compareçam ao evento, em razão de medidas cautelares definidas pela Corte

» RENATO SOUZA

Carolina Antunes/PR

Enquanto as investigações da Polícia Federal sobre um plano golpista tramado no segundo semestre de 2022 prosseguem, alguns dos parlamentares que são alvos das diligências planejam adesão ao ato convocado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro para o próximo dia 25 na Avenida Paulista. O próprio ex-presidente é um dos acusados, pois de acordo com as informações que estão no inquérito que corre no Supremo Tribunal Federal (STF), ele participou ativamente da organização de ações contra as eleições e se opôs ao funcionamento das instituições. Por conta disso, está sob a aplicação de medidas cautelares.

Pelas redes sociais, o deputado federal Alexandre Ramagem (PL-RJ) publicou o vídeo de Bolsonaro convocando para o ato. Ramagem é ex-diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e suspeito de usar a estrutura da entidade para espionar críticos do governo, entre ministros do Supremo, políticos de oposição e jornalistas.

“Os policiais federais destacados, sob a direção de Alexandre Ramagem, utilizaram as ferramentas e serviços da Abin para serviços e contrainteligência ilícitos e para interferir em diversas investigações da Polícia Federal, como, por exemplo, para tentar fazer prova a favor de Renan Bolsonaro, filho do então presidente Jair Bolsonaro”, destaca um dos trechos do inquérito conduzido pelo ministro Alexandre de Moraes.

Além de Ramagem, quem também apoiou a convocação do ato foi o deputado federal Carlos Jordy (PL-RJ), acusado de incitar os atos golpistas de 8 de janeiro, quando extremistas invadiram as sedes dos Três Poderes, em Brasília. “Próximo 25 de fevereiro. Avenida Paulista, às 15 horas. Deus, pátria, família e liberdade”, escreveu o parlamentar nas redes sociais.

Junto com a mensagem, ele também postou o vídeo de



O deputado Alexandre Ramagem (PL-RJ), ex-diretor-geral da Abin, é um dos investigados no inquérito que apura espionagem de autoridades

Bolsonaro convocando para o evento. As palavras usadas na publicação também foram usadas pelo ex-presidente. Bolsonaro está impedido de deixar o país, pois teve seu passaporte apreendido e também não pode manter contato com outros investigados, como, por exemplo, o general Augusto Heleno, ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI).

As medidas cautelares impedem que investigados no mesmo inquérito compareçam ao ato do dia 25 - pois o contato entre eles pode levar a prisões preventivas por descumprimento da determinação judicial. Rodolfo Tamanaha, cientista político e professor de Direito do Ibmec Brasília, afirma que a proibição de contato

veda a possibilidade de reunião, mesmo em local público e com outras pessoas. “É uma questão mais objetiva. Como houve a proibição das pessoas investigadas se reunirem, de qualquer maneira, de qualquer forma. Se a pessoa sobe em um carro elétrico junto com o ex-presidente, realmente será um descumprimento da decisão do ministro”, disse.

No entanto, Tamanaha destaca que, em princípio, não existe proibição para que Bolsonaro convoque manifestações de seus apoiadores. Mas terá de se comportar de maneira que não ataca as instituições ou a democracia. “A convocação do Bolsonaro em relação a iniciativa no dia 25, em princípio, não está vedada.

Pois ele não teve limitado seu direito à liberdade de expressão, direito de ir e vir. Participar de um ato como esse, ou convocar, em princípio, não seria um problema. Mas ele se encontra sob investigação. Se ele fizer algum tipo de comentário, até indireto criticando o Supremo, a PF, pode ser visto como um descumprimento da decisão”, completou.

Ontem, pelas redes sociais, Jair Bolsonaro postou uma foto tirada na década de 60. Na imagem, ele aparece junto do pai durante uma pescaria. Ao lado de ambos, está uma traça de 12 quilos morta. Internautas ligaram o caso a eventual alusão a “traidores”, como delatores que poderiam revelar informações importantes do bolsonarismo

para autoridades que investigam o núcleo político do grupo.

### Avanço

Na avaliação dos investigadores, as provas colhidas nas últimas três semanas fizeram com que as diligências avançassem rapidamente e o inquérito deve ser encerrado nos próximos meses. Porém, existe a expectativa de duas novas delações entre os investigados, uma de integrante do núcleo político da organização criada para realizar a tentativa de golpe e uma outra que se desenvolve entre os militares de alta patente que são acusados de participar do plano golpista.

Dos seis núcleos da organização criminosa apontada pela PF



**Participar de um ato como esse, ou convocar, em princípio, não seria um problema. Mas ele se encontra sob investigação. Se ele fizer algum tipo de comentário, até indireto criticando o Supremo, a PF, pode ser visto como um descumprimento da decisão”**

**Rodolfo Tamanaha,**  
professor de Direito

como a organizadora da tentativa de golpe, um é composto pelos militares que formavam o governo Bolsonaro ou a alta cúpula das Forças Armadas. Eram eles o general Walter Braga Netto, ex-ministro da Casa Civil e da Defesa; o general Augusto Heleno; o general Paulo Sérgio Nogueira, ex-ministro da Defesa; almirante Almir Garnier Santos, ex-comandante da Marinha; general Mário Fernandes, general Estevam Cals Theophilo, ex-chefe do Comando de Operações Terrestres do Exército, entre outros.

As diligências e as decisões da Justiça também podem levar a punições no Exército. Em nota, a força terrestre informou que colabora com as diligências e aguarda a Justiça. “O Exército, enquanto instituição que prima pela legalidade e pela harmonia entre os demais entes da República, vem colaborando com as autoridades policiais nas investigações conduzidas. As providências, quando necessárias, serão tomadas em conformidade com as decisões jurídicas acerca do assunto,” diz o texto.

\* Colaborou Victor Correia

## Mobilização em verde e amarelo

» INGRID SOARES

Mesmo pressionado após a operação da Polícia Federal (PF), o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) tem investido na estratégia de mobilização da militância e de politização, dando ao caso ares de perseguição política por parte de adversários. No último dia 12, o ex-líder do Executivo publicou um vídeo convocando apoiadores para um “ato pacífico em defesa do Estado Democrático de Direito”. Segundo o chefe do Executivo, a manifestação ocorrerá no próximo dia 25 de fevereiro, na Avenida Paulista, em São Paulo, às 15h.

Na ocasião, Bolsonaro pediu aos militantes que compareçam trajando verde e amarelo, mas sem “qualquer faixa ou cartaz contra quem quer que seja”. A fala é uma forma de se proteger caso os apoiadores apareçam com pedidos como intervenção federal ou de ataques a ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), dizeses

comuns em manifestações bolsonaristas pelo país.

Bolsonaro alegou que, na ocasião, se defenderá de todas as acusações que têm sido imputadas a ele nos últimos meses. “Olá, amigos de todo o Brasil, em especial de São Paulo. No último domingo de fevereiro, dia 25, às 15h, estarei na Paulista realizando um ato pacífico em defesa do nosso Estado Democrático de Direito. Peço a todos vocês que compareçam trajando verde e amarelo e, mais do que isso, não compareçam com qualquer faixa ou cartaz contra quem quer que seja.”

“Nesse evento quero me defender de todas as acusações que têm sido imputadas à minha pessoa nos últimos meses. Mais do que discurso, uma fotografia de todos vocês porque vocês são as pessoas mais importantes desse evento, para mostrarmos para o Brasil e para o mundo a nossa união, as nossas preocupações e o que nós queremos”, concluiu na publicação.

Ed Alves/CB/DA Press



Apoiadores de Bolsonaro na sede do PL, em 2022: ex-presidente conta com “fotografia” na Paulista

não viajou “por conta do que está acontecendo no Brasil”.

“Estou em Miami me preparando para os eventos Mulheres Protagonistas. Claro, a nossa ex-primeira-dama não pôde vir. Todos estão acompanhando o que está acontecendo no Brasil. Era mais fácil para mim ter ficado lá. O meu DF também está passando por grandes problemas nestes dias, mas eu decidi vir, porque é neste momento que nós precisamos fortalecer o movimento conservador no Brasil e fora do país”.

Já Bolsonaro, curtiu o feriado de carnaval no Rio de Janeiro. Por meio das redes sociais, o ex-líder do Executivo publicou vídeos onde apareceu na praia, participando de roda de oração, cumprimentando e tirando fotos com apoiadores na Praia de Mambucaba, em Angra dos Reis. No domingo (11), Bolsonaro também repetiu a cena, ao postar vídeo onde cumprimenta, conversa e autografa camisetas de apoiadores.

O chamado de Bolsonaro ocorreu dias após a operação Tempus Veritatis, deflagrada no último dia 8 pela Polícia Federal e a retirada de sigilo por parte do ministro Alexandre de Moraes do vídeo da reunião ocorrida em julho de 2022. A íntegra da imagem mostra a reunião do então presidente e membros da alta cúpula de seu governo. O momento está sendo investigado pela Polícia Federal

como parte do inquérito que apura a tentativa de golpe de Estado, após as eleições de 2022.

O ato convocado pelo ex-presidente também coloca outros políticos bolsonaristas em saia-justa. É o caso do governador paulista, Tarcísio de Freitas (Republicanos) e do prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB). Ambos têm sido cobrados a fazerem acenos públicos ao ex-presidente.

Em meio aos acontecimentos, para ficar ao lado do marido, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) cancelou a turnê que faria com lideranças conservadoras nos Estados Unidos junto à senadora Damare Alves (Republicanos). O evento começou no último dia 12 e vai até o dia 16. Por meio das redes sociais do perfil oficial do evento, Damare disse que a ex-primeira-dama